

# Glória e tristeza de Berlim

NA semana passada escrevi sôbre o muro de Berlim; e mesmo que não escrevesse com o cuidado que se espera de um funcionário do país no estrangeiro, não creio que lançasse acusações e apontasse culpas. Sei tudo o que a propaganda diz e faz de um lado e outro, mas não vim aqui para julgar, vim para sentir. Nós todos construímos êsse muro; com um pensamento apanhado por acaso em qualquer coluna de jornal, em qualquer emissão de rádio, nós todos colocamos sem sentir mais um tijolo nesse muro. Muitas das palavras que se lançam contra o muro esbarram no muro, reforçam o muro.

Outro dia operários franceses e italianos apertaram-se as mãos e beberam rindo e chorando da alegria de se encontrarem no meio do túnel que acabavam de abrir sob os Alpes. Já se fala em outro túnel sob os Pireneus, e outro sob a Mancha; e em lançar, de Tarifa a Tânger, sôbre o estreito de Gibraltar, uma ponte entre a Europa e a África. Do outro lado também se cavam túneis, também se lançam viadutos e pontes, também se rasgam estradas e canais, também se aproximam e se abraçam os homens. Aqui êles se dividem e se negam — é o Muro.



Não conheci Berlim antes da guerra, não sei como era. Essa Berlim Ocidental de hoje, tão orgulhosa de sua reconstrução — e é mesmo admirável o Hansaviertel e a “Cidade de Amanhã”, em que colaboraram alguns dos maiores arquitetos do mundo, inclusive o brasileiro Oscar Niemeyer — essa Berlim que usou os montes de escombros para levantar novos edifícios e algumas colinas artificiais já cobertas de relva e de árvores — ela tem, entre os seus esplendores, alguma coisa de irremediavelmente triste. O Governo da República Federal (não seria melhor escrever República Federativa?) a ajuda por todos os

meios com um carinho de mãe rica por uma filha prisioneira; e sem uma forte garantia, que capitalista iria erguer aqui, em um trecho de terra cercado de arame farpado que o isola do mundo socialista, êsses magníficos edifícios de cimento e vidro? Os jovens que aqui se casam recebem do govêrno um dote especial desde que se comprometam a viver cinco anos nesta ilha da democracia capitalista — mas que futuro tem uma cidade assim?

Essa tristeza que sentimos entre as luzes coloridas não vem apenas do muro e do isolamento da cidade em relação ao campo que a cerca (O cônsul Melo Matos me diz que não sai nos fins de semana pois para o mais ligeiro *week-end* é preciso pedir visto no passaporte), essa tristeza não vem apenas dos quarteirões vazios que se estendem aqui e ali e lhe dão aquela melancolia indizível de Brasília, nem da ocupação militar. A verdade é que em dias de estada em Berlim não vimos um só soldado francês nem inglês, e na Berlim Oriental não vimos nenhum soldado russo nem da Alemanha comunista, além dos guardas de barreira — e o único pequeno grupo de militares americanos que encontramos foi a fazer turismo do lado oriental, pacatamente. Os militares se omitem, o que vemos são homens e mulheres civis que vão e vêm do trabalho, fazem compras, enchem os cinemas e teatros, comem salsichas e frangos assados com batatas interminavelmente, como em tôda a Alemanha, crianças que brincam nos parques, famílias que visitam o Zoo. Mas tudo isso é como se não tivesse uma existência real, é como se fôsse cenário de uma comédia extranha. Para os homens de quatro países que a todo momento se reúnem em uma sala, isso tudo é apenas uma pedra de um jôgo muito mais vasto, um jôgo em que estamos todos os homens do mundo jogando e sendo jogados. O absurdo dessa geografia de Berlim Ocidental faz parte da lógica de um mundo perplexo diante da ameaça do Fim.